

# SOBRE GÉNEROS DE TEXTO<sup>1</sup>

ANTÓNIA COUTINHO<sup>2</sup>

---

Conversamos em casa, na escola, no trabalho, escrevemos *emails* e mensagens nas redes sociais, ouvimos notícias, assistimos a diferentes programas na televisão (entrevistas, reportagens, documentários), lemos romances e tiras de banda desenhada, biografias e autobiografias, vemos anúncios publicitários, lemos blogs (e talvez escrevamos também em blogs), assistimos a debates e prestamos atenção a discursos políticos quando o tema nos interessa ou a situação nos preocupa. Em todos estes casos interagimos através de textos, produzidos oralmente ou por escrito. E a lista poderia continuar, prolongar-se quase interminavelmente: de facto, o nosso dia a dia é preenchido por textos orais e escritos muito variados.

Não usamos indiferenciadamente todos estes textos: sabemos, por exemplo, que uma aula não se confunde com uma conversa (mesmo que haja momentos de conversa numa aula) e somos capazes de dizer que um debate a que assistimos foi tão mau que mais parecia uma conversa (de café). Quer isto dizer que a nossa experiência de comunicação vai acumulando conhecimentos sobre diferentes grupos de textos com características comuns, que conhecemos geralmente através de uma designação: entrevista, romance, debate, etc.

---

<sup>1</sup> Uma primeira versão deste texto foi publicada nos manuais escolares que integram o projeto *Encontros* (10.º, 11.º e 12.º anos), publicado pela Porto Editora entre 2015 e 2017.

<sup>2</sup> **Antónia Coutinho** é professora associada na NOVA FCSH (Departamento de Linguística), doutorada em Linguística (Teoria do Texto) pela mesma Universidade, orientadora de relatórios de estágio, teses de mestrado e de doutoramento na área dos estudos linguísticos sobre os textos e os discursos e da didática da língua materna e formadora reconhecida pelo CCPFC (Português / Língua Portuguesa e Linguística).

## Os géneros de texto e as atividades sociais

Em Ciências da Linguagem e em Teoria da Literatura estes grupos de textos são referidos como *géneros de texto* e considera-se que as características que permitem identificá-los e diferenciá-los são de duas ordens: contextuais (associadas à situação de comunicação) e organizacionais.

Características contextuais	Características organizacionais
<ul style="list-style-type: none"><li>• Quem fala ou escreve? E para quem?</li><li>• Que papel social desempenha quem fala / escreve? <i>Ex.: Fala como amigo(a)? Como professor(a)? Como estudante? Como pai ou mãe? Como representante da junta de freguesia?</i></li><li>• Que papel social atribui quem fala / escreve às pessoas a quem se dirige?</li><li>• Em que circunstâncias (de lugar e de tempo) se desenrola a comunicação?</li><li>• Que finalidades ou intenções tem quem fala / escreve?</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Qual é a estrutura do texto? (Textos de diferentes géneros – como uma entrevista, um anúncio publicitário ou um relato de viagem, por exemplo – serão estruturados de forma diferente.)</li><li>• Que recursos gramaticais são utilizados para estabelecer e identificar a estrutura do texto? <i>Ex.: conectores, tempos verbais, pontuação</i></li><li>• No caso dos textos orais, que recursos não verbais são usados para estabelecer e identificar a estrutura do texto? <i>Ex.: entoação, ritmo, expressividade</i></li></ul>

Combinadas entre si, as características contextuais e organizacionais de cada texto concreto fazem dele um exemplar de um determinado género.

Chegamos assim a uma questão central, na problemática dos géneros de texto: a forma como se relacionam com os diferentes contextos em que se organiza a vida em sociedade. Podemos, nesse sentido, enumerar uma longa lista de atividades sociais: familiar, quotidiana, religiosa, política, partidária, comercial, jornalística, empresarial, publicitária, escolar, académica, científica, literária, jurídica. A lista não é exaustiva (nem pretende ser rigorosa). O que importa aqui é mostrar que os géneros de texto se estabilizam, se modificam, se transformam e se reinventam no âmbito das diferentes atividades sociais – e é nesse sentido que se pode falar, por exemplo, de géneros jornalísticos ou de géneros publicitários.

De uma forma geral, pode dizer-se que os géneros de texto não têm uma estabilidade rígida – dependendo, no interior de cada atividade, de fatores de época e de cultura.

Esta questão pode ver-se particularmente bem ilustrada na atividade literária: épocas houve em que foi regra a reprodução fidelíssima do género de texto (alguns sonetos de Camões são reproduções muito próximas de sonetos de Petrarca e *Os Lusíadas* existem na lógica clássica de imitação do género – o que em nada desmerece do génio poético do autor, como é evidente); hoje em dia, numa tendência inaugurada com o Romantismo, a imprevisibilidade relativamente ao género é particularmente apreciada e valorizada em termos literários.

## Géneros de texto e tipos de texto

Na bibliografia especializada, aparece frequentemente a noção de *tipos de texto* (ou *protótipos textuais*), nem sempre claramente diferenciada da de *géneros*, e os documentos normativos correm o risco de refletir essa ambiguidade – que se pode resolver de forma simples.

Enquanto os géneros de texto funcionam (aparecem, desaparecem, transformam-se) no contexto das atividades sociais a que estão associados, como atrás se viu, os tipos de texto correspondem a estruturas textuais fixas: consideram-se hoje, em geral, os tipos narrativo, descritivo, argumentativo, explicativo e dialogal. A partir daqui, podem compreender-se dois fatores distintivos: o facto de os géneros terem uma natureza empírica, enquanto os tipos são de carácter teórico; conseqüentemente, o dinamismo dos géneros, irredutíveis a uma lista fechada (verificando-se, por exemplo, a coexistência de géneros próximos, sem fronteiras nítidas), por oposição à contenção e rigidez dos tipos, que se definem pela presença (ou ausência) de um conjunto de características claramente identificadas (o que determina, em última análise, a condição tipológica, a que são alheios os géneros de texto).

Querirá isto dizer que há uma única escolha possível, no uso (metalinguístico) de géneros ou de tipos de texto? Sim e não. Sim, porque não se devem confundir as duas expressões: elas não são, de forma nenhuma, sinonímicas e, como tal, não são substituíveis entre si. Mas isso não quer dizer que sejam incompatíveis. Vejamos porquê.

Uma das maiores dificuldades com a noção de *tipo de texto* terá provavelmente a ver com a generalização do uso desta expressão relativamente a uma outra que lhe é próxima: *sequência prototípica*. Pode dizer-se da *sequência prototípica* o que atrás se disse do *tipo de texto*. A diferença que importa assinalar é esta: quando se fala num texto de tipo narrativo ou argumentativo, por exemplo, assume-se que se fala de um texto em que predominam sequências do tipo referido. Mas dizer que um romance é um texto de tipo narrativo apagará com certeza elementos significativos na composição interna deste ou daquele romance concreto. E o que dizer da crónica? Será um texto de tipo narrativo ou argumentativo? E os tipos dialogal ou descritivo estarão absolutamente excluídos, neste caso? Todas estas questões obtêm uma resposta clara se usarmos de forma controlada as noções em causa. Assim: romance e crónica são géneros de texto (da atividade literária e jornalística, respetivamente) que podem – como qualquer texto de qualquer género – usar como ingrediente, na sua composição interna, sequências de qualquer tipo.

O domínio dos géneros de texto, como atrás se viu, implica fatores de ordem vária – e não se pode limitar, portanto, a questões de tipologia textual. Faz parte da formação global da pessoa o domínio de diferentes géneros relevantes em termos sociais, profissionais e culturais. No termo do seu percurso escolar, qualquer jovem deverá ter adquirido fluência oral e escrita que lhe permita desempenhar bem as futuras funções profissionais. Da mesma forma, deverá conhecer o património estético, simbólico, cultural e artístico associado aos géneros literários. É um enriquecimento para cada pessoa aprender a conhecê-los, a situá-los no tempo e na história, saber identificá-los, descrevê-los e poder falar deles com precisão e com pertinência.

### Referências bibliográficas

- Coutinho, A. (2003). *Texto(s) e competência textual*. Lisboa: FOG/FCT.
- Coutinho, A., & Correia, C. N. (2013). Uma leitura de 'Homero'. In J. Markic & C. N. Correia (ed.), *Descrições e contrastes. Tópicos de gramática portuguesa com exemplos contrastivos eslovenos* (pp. 121 - 136). Ljubljana: Univerza v Ljubljani.
- Jorge, N., & Coutinho, A. (2017). Percursos (linguísticos) para análise (literária). *Palavras*, 50-51, pp. 77 - 87.
- Miranda, F. (2015). Considerações sobre o ensino de géneros textuais: pesquisa e intervenção. In E. Leurquin, A. Coutinho & F. Miranda (ed.), *Formação docente: textos, teorias e práticas*. Campinas: Mercado das Letras.